



A INTERAÇÃO DA CRIANÇA BILÍNGUE

THE BILINGUAL CHILD INTERACTION

Júlia Iaione Roque¹ (UPF)

RESUMO

Tem-se como principais objetivos neste trabalho analisar como é construída a interação da criança bilíngue e averiguar de que maneira ela utiliza os dois sistemas linguísticos nos quais é convocada em suas interações. As principais indagações são norteadas pela atuação do contexto bilíngue na relação adulto-criança, bem como o modo através do qual a criança em questão desloca-se entre um sistema linguístico e outro para construir a interação. Optou-se por realizar gravações em áudio e vídeo, realizadas em cinco sessões que variam entre cinco e quarenta minutos. A criança cujas interações são observadas encontra-se na fase de seis para sete anos e usa o inglês e o português em seus diálogos. Como embasamento teórico, este trabalho tem como alicerce o conceito de comunicação exposta por Winkin (1998), além de tratar dos aspectos da interação segundo a Análise da Conversação. Ademais, apoia-se também em Gumperz (1982), Hamers e Blanc (2004) e Auer (1998) para dar conta do conceito de bilinguismo e do fenômeno do *code-switching*. O que os dados mostraram foi que a construção da interação da criança bilíngue depende de seu interlocutor e do sistema linguístico que utilizam durante a troca interacional. Além disso, a criança bilíngue deste estudo pode ser considerada bilíngue dominante, uma vez que possui maior competência na língua inglesa que na portuguesa.

Palavras-chave: Interação. Bilíngue. Interlocutor.

ABSTRACT

In this paper, the main goal is to analyze how the interaction of a bilingual child is built and as well to investigate how this child uses both systems he/she uses during interactions. The main questions are orientated by the bilingual context in the relation adult-child, along with the ways that this child uses to move from one linguistic system to the other to build the interaction. It was chosen to record audio and video of the interactions, which happened in four sessions that vary from five to forty minutes. The child observed in this paper is six to seven years old and he/she uses English and Portuguese in his/her dialogues. As theoretical support, this paper is based on Winkin's concept of communication and it deals with interaction aspects based on Conversation Analyses theory. Moreover, Gumperz (1982), Hamers e Blanc (2004) and Auer (1998) are used to develop the concepts of bilingualism, bilinguality and code-switching. The data has shown that to build the interaction, the bilingual child depends on his/her speaker and the linguistic system that is used. In addition, the bilingual child of this study can be considered a dominant bilingual, given that he/she has a broaden ability in the English language then in Portuguese.

Keywords: Interaction. Bilinguality. Speaker.

¹ Acadêmica do curso de Letras – Português, Inglês e respectivas Literaturas da Universidade de Passo Fundo. Bolsista de iniciação científica Fapergs do projeto A experiência da criança na linguagem, sob orientação da professora Dra. Marlete Sandra Diedrich. E-mail: juliaiaioneroque@gmail.com



1 INTRODUÇÃO

As relações construídas em interações face a face envolvem, necessariamente, trocas comunicativas que perpassam o plano verbal, gestual, entonacional, estado afetivo de seus participantes, etc.² Estes aspectos incidem nesta construção conjunta e colaborativa que é a interação. Dessa forma, considerando que o exercício da fala exige, ao menos, dois participantes, estes exercem influências mútuas durante as trocas. Nesse sentido, quando tem-se na cena interacional o uso simultâneo de dois sistemas linguísticos distintos sendo empregados por uma criança, estas influências tornam-se complexas e também singulares.

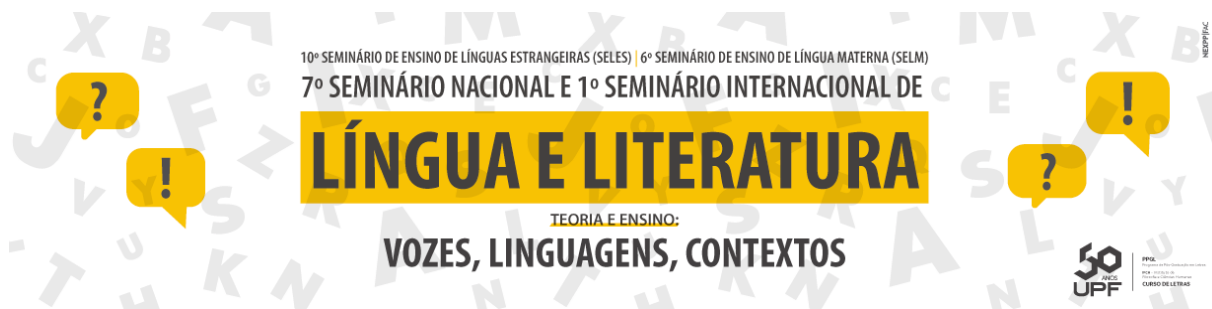
Dessa forma, a questão que move esta pesquisa são as interações de uma criança de seis para sete anos de idade com a pesquisadora e sua mãe em um contexto em que o inglês e o português coexistem. As principais indagações que norteiam a pesquisa são: 1) a atuação do contexto bilíngue na interação adulto-criança; 2) a maneira como a criança em questão desloca-se entre os dois sistemas linguísticos que domina a fim de construir a interação.

Trata-se de um estudo etnometodológico voltado para os fatos da conversação, ou seja, nossa análise foi realizada a partir da gravação em áudio e vídeo de situações interacionais reais e naturais entre a pesquisadora, a criança e sua mãe. Para tanto, a fim de realizarmos nossas análises, embasamo-nos nas correntes teóricas da Análise da Conversação, do bilinguismo e do fenômeno subjacente a este último, o *code-switching*.

Quanto à presença da pesquisadora no campo de estudo, destacamos que este fato se deu em decorrência das duas opções do pesquisador em relação ao material a ser analisado, que de acordo com Diedrich e Rigo (2017) são: 1) trabalhar com materiais que fazem parte de arquivos de pesquisa ou 2) produzir seu próprio material de análise, o que implica sua inserção nos contextos interacionais (DIEDRICH; RIGO, 2017, p. 699).

Nesse sentido, é evidente que nossa presença fez com que nos tornássemos também parte das interações. Contudo, tentamos minimizar nossa presença sem o comprometimento dos dados, ressaltando que as relações entre os interlocutores podem ser modificadas por eles mesmos, o que demonstra o caráter sempre dinâmico do contexto interacional (DIEDRICH; RIGO, 2017, p. 699). Salientamos, portanto, que as análises perpassam por nosso exame

² Este artigo é parte integrante de trabalho monográfico desenvolvido a fim de alcançar grau de licenciada em Letras pela Universidade de Passo Fundo, durante o primeiro semestre de 2018.



enquanto pesquisadores e, conseqüentemente, sujeitos interpretadores dos fatos que se apresentam.

A criança deste estudo nasceu nos EUA, lugar em que seus pais brasileiros moraram durante quinze anos e, ao retornar para o Brasil, aos quatro anos de idade, a criança, referida nas transcrições dos dados como Heitor, frequenta uma escola regular e particular da região sul do país. A comunicação entre os pais e a criança se dá exclusivamente em inglês, sendo que a aquisição do português se deu apenas no retorno ao Brasil.

Cabe ressaltar que, dadas as particularidades e extensão que envolvem o objeto desta pesquisa, selecionamos trechos/recortes conversacionais e os transcrevemos utilizando como referência as tabelas a seguir.

Tabela 1³

Sujeitos	Símbolo na transcrição
Mãe	Mãe
Criança	Heitor
Pesquisadora	Pesq.

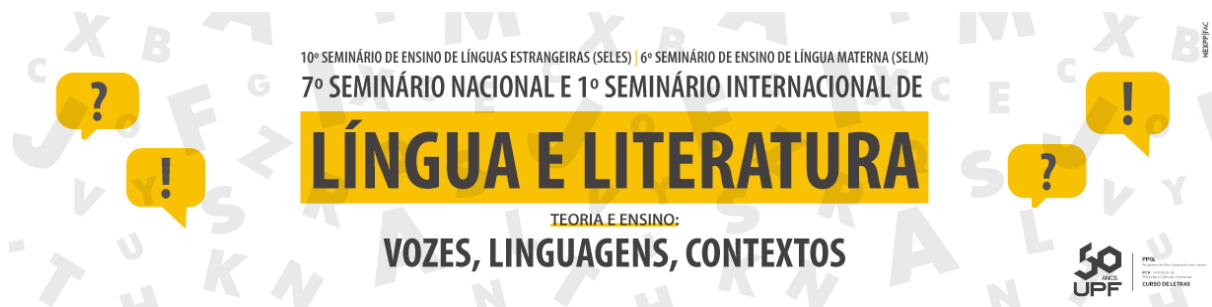
Tabela 2⁴

Ocorrência	Símbolo na transcrição
Pausa	...
Repetições	Reduplicação do elemento repetido
Comentários	(())
Falas simultâneas	[[]]
Alongamento de vogal	aaa
Inglês	<i>Itálico</i>
Português	Letras normais
Trecho incompreensível	XXX

No que diz respeito às transcrições, frisamos que “a atividade de transcrição, sem dúvida, é altamente influenciada pelo olhar interpretativo do transcritor sobre o fato a ser transcrito, uma vez que esta etapa da investigação leva o pesquisador a uma tomada de decisões frente aos fatos” (DIEDRICH, 2017, p. 215).

³ Os nomes dos participantes de qualquer pesquisa não podem ter suas identidades expostas, de acordo com o Comitê de Ética da Universidade de Passo Fundo. Portanto, usamos durante todo o trabalho estas siglas a fim de proteger suas identidades.

⁴ Tabela constituída a partir de Marcuschi (2007) e também com algumas simbologias desenvolvidas pela pesquisadora, tendo em vista que o material apresenta peculiaridades importantes para as análises realizadas.



Este artigo divide-se, portanto, em três seções, sendo que a primeira trata dos aspectos implicados na interação como um todo, bem como o aspecto do bilinguismo e *code-switching*. Em seguida, passamos para a análise de quatro recortes e, finalmente, as contemplações finais.

2 A INTERAÇÃO

De acordo com Winkin (1998), *communicare* em latim significa “pôr em comum”, “estar em relação” e se aproxima dos termos da língua francesa *communiquer* (comunicar) e *communication* (comunicação), que significam “participar a”. Dessa forma, encontramos nossa parte “comum” ao mantermos relação com o outro por meio de um sistema linguístico ou não. A comunicação é como uma orquestra, conforme apontam os teóricos do colégio invisível.

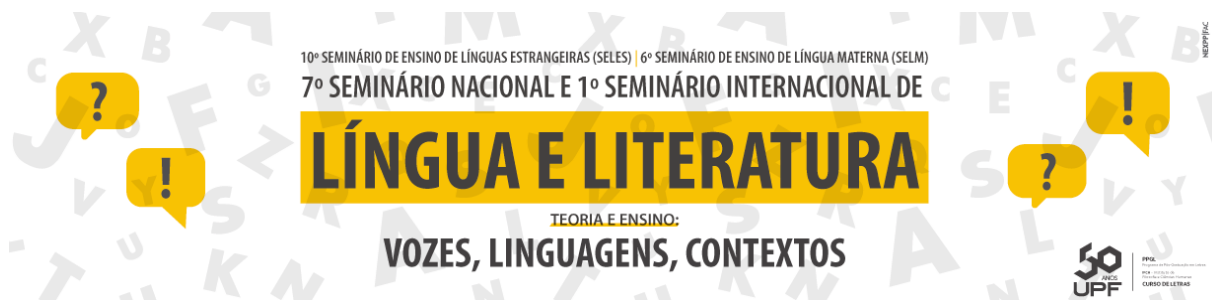
A analogia [da orquestra] tem por objetivo mostrar como podemos dizer que cada indivíduo participa da comunicação, mais do que é a sua origem ou ponto de chegada. A imagem da partitura invisível lembra mais particularmente o postulado fundamental de uma gramática do comportamento que cada um utiliza em seus intercâmbios mais diversos com o outro. [...] O modelo orquestral equivale, na verdade, a ver na comunicação o fenômeno social que o primeiro sentido da palavra traduzia muito bem, tanto em francês quanto em inglês: o pôr em comum, a participação, a *comunicação*. (WINKIN, 1998, p. 34)

Aspectos como fala, gesto, olhar, mímica e espaço fazem parte deste sistema comunicacional que é a interação face a face. A comunicação pressupõe, portanto, um interagir entre os participantes e precisa, necessariamente, de um sistema através do qual pode se realizar que, neste caso, é a fala. Assim, ao falarmos com o outro, ou seja, quando há uma troca de palavras (interlocução) entre sujeitos, o fazemos utilizando um sistema de signos, linguísticos ou não.

Conforme aponta a linguista francesa Kerbrat-Orecchioni (2006):

Para que haja troca comunicativa, não basta que dois falantes (ou mais) falem alternadamente; é ainda preciso que eles se falem, ou seja, que estejam, ambos, “engajados” na troca e que deem sinais desse engajamento mútuo, recorrendo a diversos procedimentos de validação interlocutória. (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p.8)

Os participantes da interação, portanto, devem mostrar-se empenhados na interação a fim de mantê-la e, para tanto, fazem uso de diversas regras conversacionais reguladoras da interação. Assim, o emissor deve indicar com quem fala e o receptor deve fornecer sinais de



que está, efetivamente, participando da interação (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p.8-9). Isso significa que ambos os interactantes devem validar-se continuamente como participantes da troca comunicacional e interacional em que se encontram.

Assim, as principais regras que regulam a validação interlocutória e, por conseguinte, mantém a interação, trabalham tanto no nível verbal quanto não verbal e paraverbal. A AC dá conta de alguns destes aspectos que marcam as construções comunicacionais face a face que significam nas trocas interacionais.

E, de acordo com a AC, “na interação face a face, o discurso é inteiramente “coproduzido”, é o produto de um “trabalho colaborativo” incessante – esta é a ideia-força que embasa o enfoque interacionista das produções linguísticas” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 11).

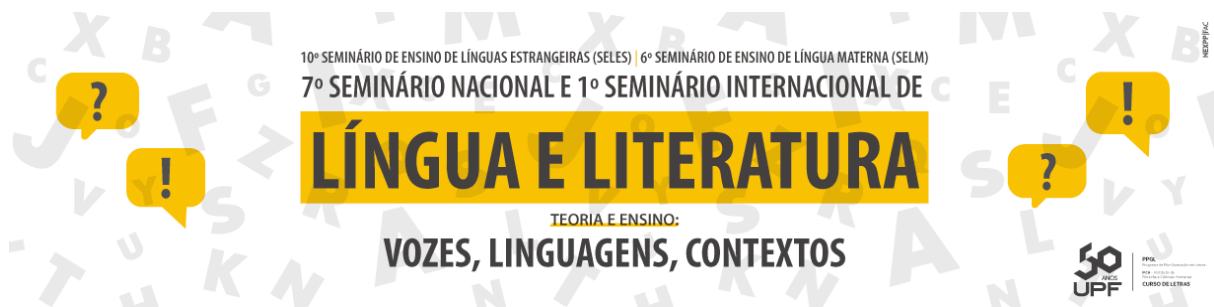
Nesse sentido, Koch (2015), afirma que:

O fato de ser o texto falado produzido numa situação face a face favorece a **dialogicidade**, entendida, em sentido restrito, como a dinâmica de alternância de turnos na interação. Subentende-se, pois, que quanto mais intensa for essa alternância, maior será a dialogicidade, sendo a conversação o exemplo protótipo. [...] No texto falado, por estarem os interlocutores copresentes, ocorre uma **interlocução ativa**, que implica um **processo de coautoria** refletido, na materialidade linguística, por marcas da produção verbal conjunta (KOCH, in JUBRAN, 2015, p. 39-40 – grifos nossos).

Este trabalho de construção colaborativa entre emissor e receptor é marcado de forma constante no momento da interação face a face e podem ser identificados, portanto, através de diferentes recursos verbais, como repetição e parafraseamento. Dessa forma, por sua natureza interacional, o texto falado não é previamente planejado (KOCH in JUBRAN, 2015, p. 44).

2.1 OS MARCADORES DE DISTÂNCIA NA INTERAÇÃO FACE A FACE

A interação face a face envolve, necessariamente, questões que respeitam certos princípios que os interactantes praticam de maneira inconsciente durante a troca comunicacional. Há, portanto, uma “gramática” da comunicação, segundo Watzlawick & Weaklan (apud. WINKIN, 1998, p. 32). Este sistema comunicacional e interacional é composto, assim, por elementos tanto verbais quanto não verbais que foram o todo integrado da interação. Inclui-se



neste complexo, portanto, linguagem corporal, gestos, direção do olhar, etc. que significam dentro do contexto em que estão inseridas. Conforme aponta Winkin (1998):

Assim como os enunciados da linguagem verbal, as “mensagens” oriundas de outros modos de comunicação não têm significação intrínseca: só no contexto do conjunto dos modos de comunicação, ele próprio relacionado com o contexto da interação, a significação pode ganhar. (WINKIN, 1998, p. 32).

A interação verbal extrapola, portanto, as normas da fala em si, o que leva a AC a também ocupar-se dos mecanismos “extra-verbais” que constroem este texto conjunto que é a interação face a face. A distância física e psicossocial, por exemplo, instauradas pelos participantes são parte do texto interacional e, portanto, revelam aspectos importantes da troca interacional.

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006), a distância divide-se em horizontal e vertical, ou seja, a primeira voltada para a distância e a outra para a intimidade e familiaridade entre os interactantes. Estas dependem, portanto, de características externas da interação que são guiadas por três princípios:

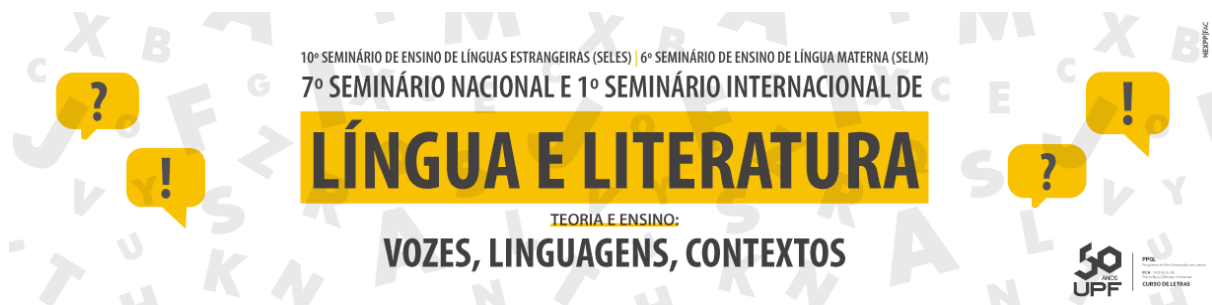
1° **Toda interação se desenrola num certo quadro** e põe em presença **determinadas pessoas**, que possuem algumas características particulares e que entretêm **um certo tipo de laço socioafetivo**: são esses **os dados externos** (ou contextuais) da interação estabelecidos em seu início.

2° Nesse quadro, ocorrerá um certo número de eventos e será trocado **um certo número de eventos** e será trocado **um certo número de signos** (verbais, paraverbais e não verbais): **são os dados internos**.

3° Os comportamentos produzidos na interação são, com certeza, em grande parte determinados pelos dados externos; mas o importante aqui é que eles não são totalmente: **as pressões contextuais deixam aos interactantes uma certa margem de manobra** (cuja extensão varia conforme o tipo de interação estabelecida). Ou seja, a relação é geralmente **negociável**, e, aliás, frequentemente negociada, entre os participantes da interação [...] (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 63-64 – grifos da autora)

Os relacionemas, isto é, as unidades da relação horizontal, funcionam, ao mesmo tempo, como indicadores e construtores da relação interpessoal, sendo que os fatores contextuais que mais influem nesta relação são: se os interlocutores se conhecem muito, pouco ou não se conheçam; natureza do laço socioafetivo e natureza da situação comunicativa.

Estas unidades da relação horizontal podem ocorrer tanto no plano verbal, quanto não verbal e paraverbal, tendo em vista que são os dados internos que compõem o segundo



princípio acima citado. Quanto ao marcador não verbal da distância, Kerbrat-Orecchioni (2006) destaca:

[...] a relevância está nos dados proxêmicos: a “distância” (psicossocial) é, primeiramente, marcada pela distância (no sentido próprio), isto quer dizer que coisas iguais são tomadas de pontos de vista distintos: quanto mais “próximos” forem os interactantes, mais “aproximados” eles permanecerão” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 65)

É fundamental destacar que o contexto das interações é negociável e que, em decorrência deste fator, a distância, seja física ou psicossocial, poderá mudar no desenrolar de uma interação. Conforme a linguista, “- **a distância interpessoal geralmente evolui no desenrolar de uma interação** (e *a fortiori* ao longo de uma “história conversacional”). Essa evolução se dá em ritmos variados, mas segue quase sempre no sentido de uma aproximação progressiva” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 68 – grifos da autora).

2.2 BILINGUISTO E CODE-SWITCHING

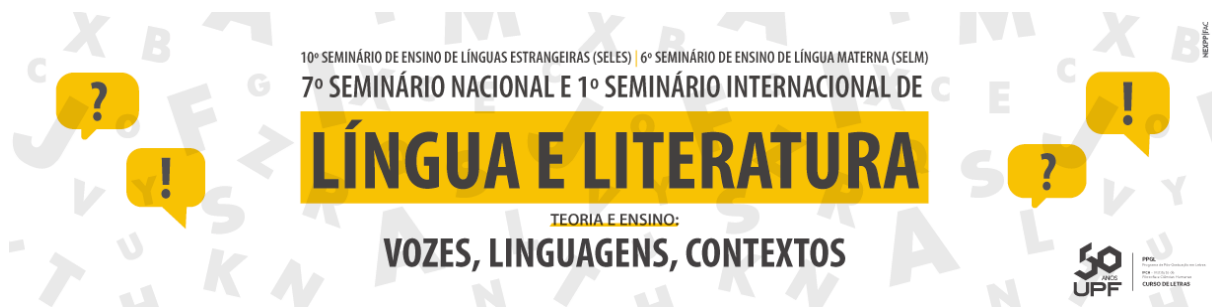
O termo bilinguismo é centro de grande discussão teórica acerca de sua definição, o que resulta em um debate também sobre a delimitação do termo bilíngue. Bloomfield (1935, apud HAMERS e BLANC, 2004, p. 6) define bilinguismo como o domínio nativo de duas línguas, enquanto Macnamara (1967, apud HAMERS e BLANC, 2004, p. 6) o conceitua como a capacidade de fazer uso mínimo de uma segunda língua em quaisquer das quatro competências: fala, audição, leitura e escrita.

Definições como estas, segundo Hamers e Blanc (2004) não contemplam as questões não-linguísticas imbricadas no conceito de bilinguismo, olhando para esta questão sob apenas uma ótica. De acordo com os autores:

Quando qualificadores são usados para descrever bilinguismo ou bilinguality, eles geralmente focam em apenas uma dimensão destes fenômenos que são portanto vistos de um ângulo em particular. [...] todavia, não podemos esquecer o fato de que bilinguismo ou bilinguality são fenômenos multidimensionais e devem ser investigados como tais. (HARMERS e BLANC, 2004, p. 25 – tradução livre).

Logo, há duas definições de bilinguismo: 1) *bilingualism*⁵ como o estado linguístico de uma comunidade em que duas línguas estão em contato, resultando na possibilidade de uso de ambas em uma interação e, também, em um certo número de indivíduos que as dominam;

⁵ Não encontramos estudos brasileiros que fazem uso de dois termos para fazer a distinção entre *bilingualism* e *bilinguality*. Portanto, optamos por manter estes conceitos em inglês, sem tradução, a fim de mantermos coerência teórica.



2) *bilinguality*, como o estado psicológico de um indivíduo que tem acesso a mais de um código linguístico para comunicação.

Portanto, a primeira definição trata do bilinguismo como parte de um grupo de pessoas, enquanto o outro volta seu olhar para o sujeito que faz uso de mais de um sistema linguístico para interação. Conseqüentemente, dado que nosso corpus é composto exclusivamente por um sujeito bilíngue em interação, contemplamos o segundo conceito de bilinguismo.

A partir destas definições, Hamers e Blanc estabelecem algumas classificações que compõem o termo bilinguismo: 1) competência relativa; 2) organização cognitiva; 3) idade de aquisição; 4) presença ou não de falantes da segunda língua; 5) status conferidos a cada língua e 6) identidade cultural.⁶

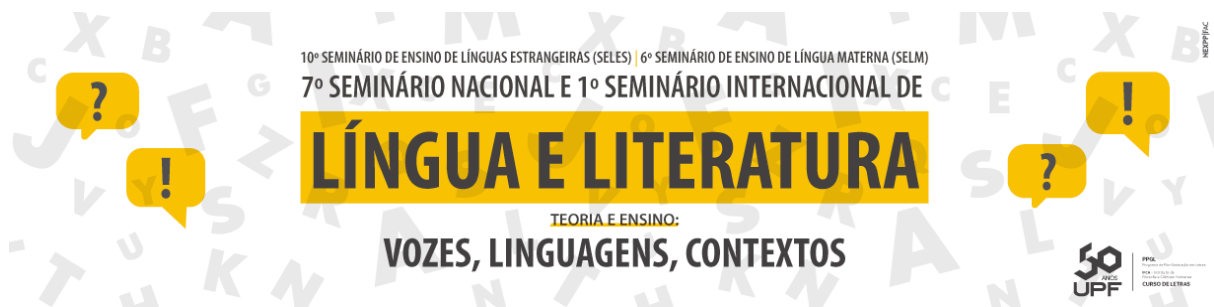
Quanto à primeira classificação, esta divide-se em bilíngue equilibrado (*balanced bilingual*), que considera o sujeito que possui competências equivalentes em ambas as línguas e bilíngue dominante (*dominant bilingual*), sendo que este tem maior competência em uma das línguas, geralmente a sua nativa⁷. E, no que diz respeito à terceira classificação, idade de aquisição, os autores ressaltam que a idade de aquisição se junta a outras informações da biografia linguística do sujeitos, tais como contexto de aquisição e o uso de ambas as línguas.

A troca comunicacional e interacional em que dois códigos linguísticos são utilizados implica também o fenômeno do *code-switching*, definido por Gumperz (2009) como "a justaposição em uma mesma troca discursiva de passagens de discurso que pertencem a dois sistemas ou subsistemas gramaticais diferentes" (GUMPERZ, 2009, p. 59 – tradução livre). Isso não ocorre de maneira aleatória, mas poderá ser a forma encontrada pelo sujeito bilíngue para reiterar sua mensagem ou responder ao outro.

Temos de sustentar que. Segundo Auer (1998), este fenômeno é uma ação verbal e, como tal, produz sentido comunicacional e social que precisa ser interpretado pelos participantes bem como por seus pesquisadores. Portanto, trata-se de um evento

⁶ Versamos neste artigo sobre as classificações de competência relativa e idade de aquisição, tendo em vista que consideramos que as demais classificações demandam um espaço maior para serem desenvolvidas, além de fazerem parte de outras áreas, como a psicologia e antropologia. Por isso, não nos ocupamos destes aspectos, mas sim, dos que se fazem relevantes e presentes nesta pesquisa.

⁷ A problemática deste conceito é abordada na introdução da obra de Hamers e Blanc (2004) e optamos aqui por defini-la como a língua que uma pessoa adquire nos seus primeiros anos de vida e que se torna o instrumento natural para o pensamento e a comunicação (HAMERS e BLANC, 2004, p. 2)



conversacional em que „a interação verbal entre os falantes está aberta a um processo local de negociação das línguas e seleção de códigos“ (AUER, 1998, p. 1 – tradução livre).

A ocorrência do code-switching depende, assim, inteiramente do contexto em que os sujeitos se encontram, desempenhando funções específicas na interação. Gumperz ainda afirma que:

[...] os participantes imersos na interação em si desconhecem qual código é usado e em qual momento. A sua principal preocupação é com o efeito do que estão dizendo. A seleção dentre as alternantes linguísticas é automática [...] (GUMPERZ, 2009, p. 61)

Conseqüentemente, o código a ser utilizado durante as trocas interacionais dependerá de seu contexto, em que os interactantes estarão constantemente negociando qual código será utilizado naquele momento.

3 OS DADOS

A terceira parte deste artigo propõe-se a analisar cinco recortes que evidenciam os aspectos abordados anteriormente. O objetivo desta seção é ilustrar os elementos presentes na interação da criança bilíngue, a dizer adaptação discursiva, validação interlocutória e o fator distância (física), bem como elucidar e definir, a partir dos recortes, as condições do bilíngue de que tratamos e, conseqüentemente, o *code-switching* e suas implicações no contexto interacional.

3.1 VALIDAÇÃO INTERLOCUTÓRIA E ADAPTAÇÃO DISCURSIVA

Recorte 1: Lá tem praia?

Contexto: Heitor está desenhando uma árvore em seu quadro branco enquanto conversa com a pesquisadora sobre a cidade em que nasceu nos Estados Unidos. Heitor olha o tempo inteiro para o quadro enquanto fala. Anteriormente a esse recorte, Heitor afirmou que adorava sua cidade e a pesquisadora pergunta seus motivos.

Pesq. Adorava? Por que? Me conta que que tem lá.

Heitor Porque tem neeve. Tem carnaval que é um parquinho de diversão e tem praia.

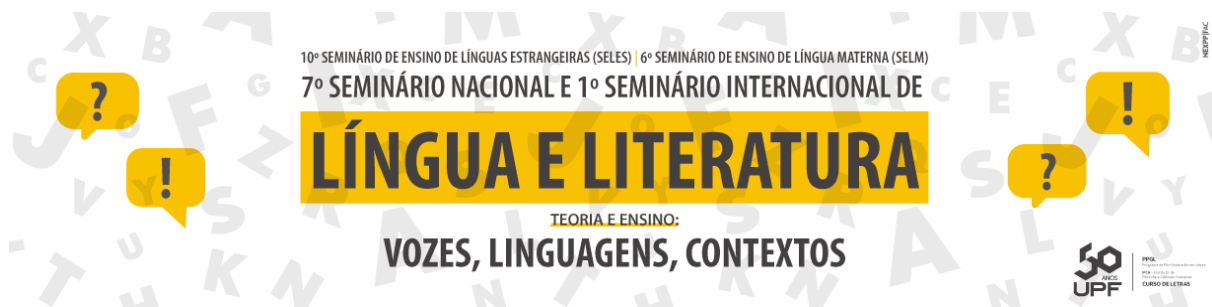
Pesq. Tem praia? Aaah eu não sabia que lá tinha praia.

Heitor Uhum. Tinha sim.

Pesq. Ééé? E tu tem amigos lá ainda?

Heitor Aaah, eu tenho. E dois que são meus melhores.

Pesq. Ééé?



Os interactantes, quando de fato engajados em uma troca interacional face a face, fazem uso de certos mecanismos para mostrarem seu comprometimento em manter a conversação, ou seja, precisam validar-se como receptor ou emissor. Percebemos que no caso do recorte acima o empenho em manter a interação verbal se dá através de dois vieses: 1) repetição de algo que o interlocutor afirmou, transformando-o em pergunta, como é o caso da fala da pesquisadora “Tem praia?”; e 2) acréscimo de informações, como ocorrido na resposta de Heitor referente à pergunta da pesquisadora sobre seus amigos, ele completa afirmando que tem dois melhores (amigos).

Quanto ao primeiro sinal de engajamento, a repetição, Marcuschi (2015) faz a asserção a seguir:

Mais do que uma simples característica da língua falada, a repetição é um dos processos de formulação textual mais presentes na oralidade. Por sua maleabilidade funcional, a repetição assume um variado conjunto de funções. Contribui para a organização discursiva e a monitoração da coerência textual; favorece a coesão e a geração de sequências mais compreensíveis; dá continuidade à organização tópica e auxilia nas atividades interativas. (MARCUSCHI, 2015, p. 207).

O tema deste primeiro recorte é a cidade natal de Heitor e sua interlocutora faz uso da repetição a fim de dar continuidade ao tópico principal da conversa, utilizando parte do discurso da criança e a transformando em pergunta. Além disso, notamos que além do aspecto sequencial ser mantido, conseqüentemente, há também contribuição quanto à organização tanto discursiva quanto tópica neste caso.

Recorte 2: Let's play Tic-Tac-Toe

Contexto: Após o jogo de cartas, a mãe de Heitor sugere a brincadeira o *jogo da velha* para que ele e a pesquisadora joguem. Heitor ensina a jogar usando o quadro branco que está sobre a mesa.

Mãe *Do you like to play tic-tac-toe?* ((pegando o canetão))

Heitor *Tic-tac-tooee...*

Mãe *Do you wanna play with Júlia.?*

Heitor *Let's... aah...Let's play tic-tac-toe.* ((abrindo o canetão))

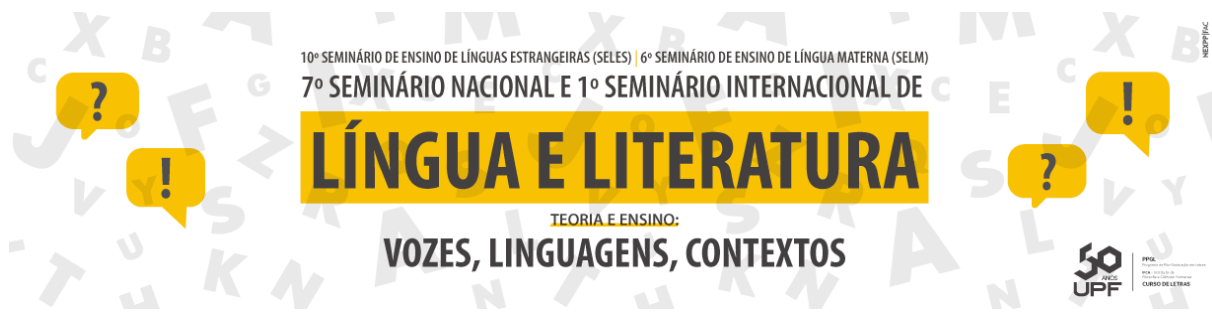
Pesq. *Que que é isso? Tic-tac-toe?*

Heitor *Eu vô dizê. Olha.* ((desenha no quadro))

Pesq. *Hmm...*

((H. está fazendo o desenho do jogo da velha))

Heitor *Eu sou o xis. E se. Olha. Olha. Vale. Olha como vale. Eu vô botá xis em todo lugar.*



Segundo aponta a linguista Kerbrat-Orecchioni (1986), a interação conversacional admite que uma conversação não se reduz ao fato de que dois falantes se falam alternadamente um ao outro, mas que esse esquema é linear e complexo por dois motivos: 1) os interactantes devem se admitir como interlocutores válidos, aceitando o sistema de direitos e deveres do qual fazem parte; e 2) os sujeitos em interação dispõem de competências comunicativas heterogêneas, sendo capaz de adaptar seu comportamento discursivo a situação conversacional, a sua própria competência e a competência do outro (KERBRAT-ORECCHIONI, 1986, p. 14).

Nesse sentido, considerando as competências comunicativas heterogêneas dos falantes, este recorte corrobora com esta noção na medida em que Heitor adapta seu discurso, alternando do inglês para o português, conforme seu interlocutor, que neste caso são a mãe e a pesquisadora. Isto evidencia a habilidade desta criança bilíngue em lidar com a flexibilidade pragmática, essencial para manter a dialogicidade da interação, assim como contribuí para a construção deste texto comunicacional e interacional coproduzido.

3.2 A DISTÂNCIA

Recorte 3: Tem mais pa fazê. Um mooonti

Contexto: A pesquisadora está olhando H. pintar um desenho no jogo de *tablet* e estão conversando sobre o que ela acaba de pintar. No decorrer da gravação H. passa a manter contato visual mais ao final, no momento em que termina o desenho. Anteriormente, a pesquisadora questiona H. se há outros desenhos para pintar.

((H. e a pesquisadora estão olhando para o *tablet*))

H. Aaah tem mais pa fazê. Um mooonti.

Pesq. Esses daqui. Você já fez esses daqui ou não?

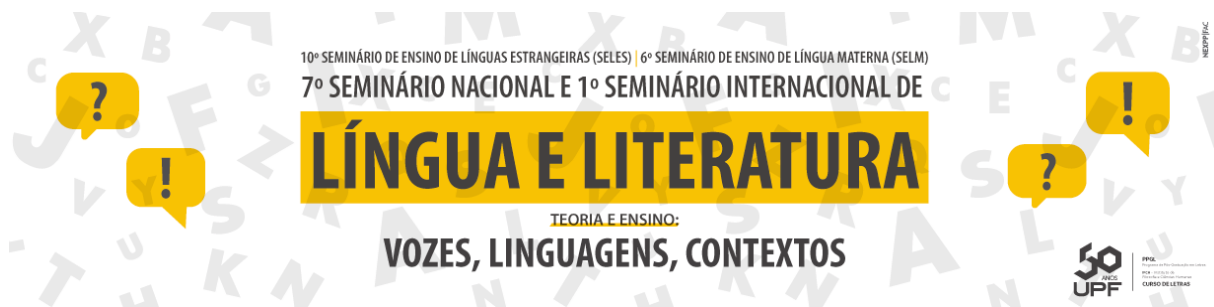
H. Essa série eu. Aaah essa eu não termineei.

Pesq. Aaah essa você não termino...

((H. se aproxima mais da pesquisadora))

H. Essa que é legal.

A gravação deste dia tem vinte minutos e dez segundos e Heitor, até o décimo quarto minuto, está o tempo todo a olhar seu jogo e a conversar com a pesquisadora, sem olhá-la. Então, ela faz um movimento de aproximação física até a pesquisadora a fim de que ela possa visualizar melhor seu jogo.



Assim, considerando a característica intrínseca da negociação do contexto pelos participantes de qualquer interação face a face e também os indicadores e construtores da relação interpessoal, ou seja, os signos tanto verbais quanto paraverbais e não verbais que regulam o aspecto distância (psicossocial e física), compreendemos que neste recorte há uma diminuição do espaço físico entre os sujeitos, iniciado pela criança, mostrando que, talvez, há uma evolução da relação interpessoal entre ela e a pesquisadora, uma vez que se sente mais à vontade com sua presença.

Constatamos, assim, que há signos na relação horizontal que atuam não apenas no nível verbal, mas também no não verbal, como a aproximação física e que, de fato, a distância evolui no decorrer da interação face a face.

3.3 O TIPO DE BILINGUISMO E A OCORRÊNCIA DO CODE-SWITCHING

Recorte 4: Agora eu vô precisa da cor vermelho

Contexto: Após conversarem sobre o desenho de carro que Heitor fez, a pesquisadora lhe questiona o que mais ele sabe desenhar e, então, ele decide desenhar uma árvore de maçãs.

((H. desenha a copa da árvore))

Pesq. Que parte da árvore é essa daqui?

Heitor XXX é aquelas coisas que segura a árvore

Pesq. Aaaah... a coisa que segura a árvore. Entediii.

Heitor Aham. Agora eu vô precisa da cor vermelho.

Como já exposto anteriormente neste artigo, há duas classificações para pessoas que dominam dois sistemas linguísticos distintos: bilíngue dominante e bilíngue equilibrado. Assim, ao contrário da língua inglesa, fazemos a distinção entre masculino e feminino no português e, como é possível perceber no recorte acima, Heitor não emprega o feminino para “a cor vermelha”, mas diz “a cor vermelho”.

Ao não distinguir as duas categorias particulares do sistema linguístico do português, feminino e masculino, podemos considerar que a criança em questão é bilíngue dominante. Sua língua nativa é o inglês, este sistema ocasiona efeitos no uso da estrutura do código linguístico do português.

Recorte 5: Mãe, né que a L...she's from Brazil

Contexto: Heitor está mostrando a pesquisadora os nomes que aparecem na televisão no aplicativo de filmes. A pesquisadora pergunta então a ele quem é L.

Heitor *Can you read this over here?* ((Heitor está apontando para o seu nome no televisor))

LÍNGUA E LITERATURA

TEORIA E ENSINO:

VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS



Pesq. Heitor

Heitor *Yeah. That's where I go, 'cause it's myyy name.*

Pesq. Aaaah. Entendi. É seu nome?

Heitor É. Aqui é L.

Pesq. Quem é L.?

Heitor *Oooh. She's my cousin. She's not over here. She's a little bit far. But she's from Brazil as well.*

Pesq. Aaaah tá.

Heitor Mãe, né que a L...*she's from Brazil?*

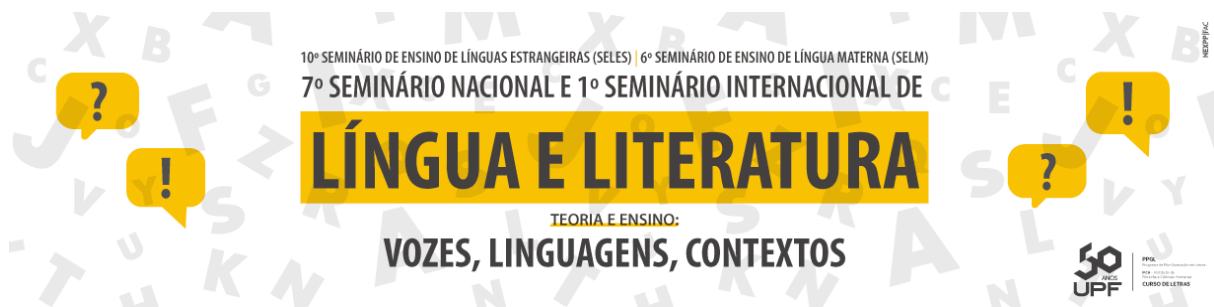
O *code-switching*, ou seja, o uso de dois códigos linguísticos distintos em uma mesma ocorrência conversacional ocorre em dois momentos no recorte acima: 1) ao dirigir-se a sua mãe em inglês e, em seguida, a pesquisadora em português, mas rapidamente volta ao inglês uma vez que passa a entender que sua interlocutora o compreende em inglês e passa a negociar o código a ser utilizado na interação; e 2) na última fala da criança verificamos que ela interrompe seu dizer ao perceber que está se dirigindo à sua mãe e, portanto, necessita realizar a troca de sistema, mesmo que em uma mesma sentença verbal.

Logo, este fenômeno é percebido na fala de Heitor como mecanismo para se dirigir aos seus interlocutores e, também, para ajustar o código de uso durante a interação, o que, novamente, corrobora para o caráter elástico das trocas comunicacionais face a face.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa principal suposição acerca deste artigo foi de que a presença de dois sistemas linguísticos distintos atua sobre as trocas comunicativas, não apenas no plano verbal, como também em outros. Nesse sentido, uma tríade compõe esta pesquisa: a interação e todos os elementos que a constituem, a importância do outro e do contexto e o bilinguismo e suas implicações. Portanto, o propósito aqui foi analisar como se dá a interação da criança bilíngue em situações conversacionais e, conseqüentemente, interpessoais.

Dessarte, fazemos duas constatações principais sobre os pilares que constroem a interação da criança bilíngue: 1) o sistema linguístico utilizado e, constantemente, negociado



durante as trocas; e 2) a escolha da utilização de uma língua ou outra se dá, sobretudo, a partir do interlocutor que interage com a criança.

REFERÊNCIAS

AUER, Peter. *Code-switching in conversation: language, interaction and identity*. Routledge: London and New York, 1998.

GUMPERZ, J. J. Conversational Code switching. In: _____ **Discourse strategies: Studies in Interactional Sociolinguistics**. Cambridge: CUP, 1982.

HAMERS, Josiane F. BLANC, Michel H.A. *Bilinguality and Bilingualism*. Cambridge University Press, 2004.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. «*Nouvelle communication*» et «*analyse conversationnelle*». In: *Lingue française*, n°70, 1986. *Communication et enseignement*. p. 7-25.

_____. *Análise da conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. Especificidades do texto falado. In: JUBRAN, Clélia Spinardi. *A construção do texto falado : gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo : Contexto, 2015), p. 40-46.

LEVINSON, Stephen C. *The Human "Interaction Engine"*. In: _____. *Properties of Human Interaction*. New York: Berg, 2006. p. 39-70.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Repetição. In: JUBRAN, Clélia Spinardi. *A construção do texto falado : gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo : Contexto, 2015), p. 207-240.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação: Da teoria ao trabalho de campo*. Campinas, SP: Papius, 1998.